

Na paternidade — é a frustração das mais preciosas esperanças endereçadas pelo Céu em socorro à família.

No lar — é o espinho magnético, alimentando o sofrimento naqueles que mais amamos.

No templo — é o assalto das trevas às promessas da luz.

Na caridade — é o golpe da violência colocando o vinagre do desencanto e o fél da revolta no prato da ingratidão.

Na escola — é a ofensa à dignidade do ensino.

Entre amigos — é o azorrague de brasas crestando as bênçãos da confiança.

Entre adversários — é o instinto que arma o braço desavisado para o infortúnio do crime.

Nos moços — é a certidão de incapacidade para servir.

Nos adultos — é punhal invisível degolando sublimes ensejos de entendimento e progresso.

Por onde passa, deixa sempre um rastro de lôdo e sangue, lágrima e desespôro, exigindo a mais ampla serenidade do tempo e o mais dilatado perdão para que o equilíbrio da vida se refaça.

Esse raio mortal é a cólera onde aparece.

Para conjurar-lhe o perigo, só existe um remédio justo — receber-lhe o impacto destruidor no clima do silêncio sobre a antena da oração.

EMMANUEL

29



JESUS
E O
MUNDO

SE Jesus não tivesse confiança na regeneração dos homens e no aprimoramento do mundo, naturalmente, não teria vindo ao encontro das criaturas e nem teria jornadeado nos escuros caminhos da Terra.

Não podemos, por isso, perder a esperança e nem nos cabe o desânimo, diante das pequenas e abençoadas lutas que o Céu nos concedeu, entre as sombras das humanas experiências.

Da escola do mundo sairam diplomados em santificação espíritos sublimes, que hoje se constituem abençoados patronos da evolução terrestre.

Não nos compete menosprezar o plano de aprendizagem que nos alimenta e nos agasalha, que nos instrui e aperfeiçoa.

Se o melhor não auxilia ao pior, debalde aguardaremos a melhoria da vida.

Se o bom desampara o mau, a fraternidade não passaria de mera ilusão.

Se o sábio não ajuda ao ignorante, a educação redundaria em mentira perigosa.

Se o humilde foge ao orgulhoso, surgiria o amor por vocábulo inútil.

Se o aprendiz da gentileza menoscaba o prisioneiro da impulsividade, o desequilíbrio comandaria a existência.

Se a virtude não socorre às vitimas do vício e se o bem não se dispõe a salvar quantos se arrojam aos despenhadeiros do mal, de cousa alguma serviria a predicação evangélica no campo de trabalho que a Providência Divina nos confiou.

O Mestre não era do mundo, mas veio até nós para a redenção do mundo. Sabia que os seus discípulos não pertenciam ao acervo moral da Terra, mas enviou-os ao convívio com homens para que os homens se transformassem nos servidores devotados do bem, convertendo o Planeta em seu reino de Luz.

O cristão que foge ao contato com o mundo, a pretexto de garantir-se contra o pecado, é uma flor parasitária e improdutiva na árvore do Evangelho, e o Senhor, longe de solicitar ornamentos para a sua obra, espera trabalhadores abnegados e fiéis que se disponham a remover o solo com paciência, boa vontade e coragem, a fim de que a Terra se habilite para a sementeira renovadora do Grande Amanhã.

EMMANUEL